

Antropologia Filosófica (*)

(Considerações sobre os ideais pedagógicos e a psicologia médica)

Dr. Decio Soares de Souza

Docente de Psiquiatria — Da Assistência psicopatas do R. G. do Sul

Após a crise gnoseológica em que ruína o positivismo científico do século XIX, levantaram-se profecias sobre a crise do espírito, da cultura e do homem. As gerações novas do século XX despertaram sob o clamor apocalíptico dos que anunciavam ao mundo a decadência do homem e a inutilidade de seu esforço no sentido de uma ascensão espiritual. Entretanto, serenadas as vozes, ao passar do tempo aprendemos a distinguir na confusão em que a Krisis lançara a inteligência das gerações anteriores, o que provinha da essência mesma do homem e o que era concessão a formas de exteriorização transitória.

Certo, temos diante dos olhos um homem desvalorizado pelas catástrofes de guerras, pela instabilidade político-social, debatendo-se angustiado ante o prenúncio do crepúsculo de uma civilização. Mas, é este um anúncio da decadência do espírito humano, de exgotamento de suas virtualidades ou o final de uma orientação errônea que, livre e deliberadamente, durante alguns séculos êle imprimio á vida?

A visão panorâmica da idade moderna e de seus princípios vitais mostra-nos ser a última hipótese a verdadeira.

Ao início do mundo moderno, o humanismo renascentista revela o movimento do espírito humano no sentido de sua desintegração da Polis religiosa em que vivera o homem medieval. O espírito humano idealiza uma atitude de autonomia no mundo. Para tanto, rompe os liames que o ligavam às realidades transcendentais e se inclúe a si mesmo entre as criações da natureza. Essa mutilação trazida pelo humanismo renascentista contra o humanismo integral da idade média, é a origem de uma direção de vida em que se nos depara o homem autônomo, perdida a unidade que lhe advinha de sua situação como criatura de Deus, agazalhar tendências que se fazem autônomas à sua imagem, em conflitos estereis e intermináveis.

Durante cinco séculos as mais diversas ciências particulares delimitam no homem integrado à natureza, seus objetos particulares. Desdobrando-se em especializações sempre mais minuciosas, em busca de maior cópia de fatos, as ciências acumularam um material inexgotável. Dir-se-ia que não havia mais facetas do indivíduo humano que não tivessem recebido a transiluminação da ciência. Foi nesse momento de orgulho científico, caracterizado pela concepção naturalista da realidade e o cien-

* Palestra lida na Faculdade de Medicina em homenagem aos professores da Faculdade de Medicina de Montevidéo.

tifismo positivista, que a crise veio atingir a esfera do conhecimento inicialmente, e a imagem do homem após, mostrando que nem a ciência se limita ao esquema positivista nem o homem se circunscreve à imagem naturalista que lhe delineara erroneamente a própria inteligência. Em face da ação, quando o homem sentindo a incerteza de uma situação social para a qual dirigira todos os seus esforços na ilusão de criar uma ordem estável no mundo sobre os fundamentos de uma concepção naturalista da vida, quando o homem voltou-se para as ciências pedindo-lhes uma solução para problemas profundamente angustiosos, foi que percebeu que aquela ciência, que penetrara tão intimamente o quimismo da célula, nada poderia dizer-lhe sobre si mesmo, sobre essa unidade individual que se afirma na consciência e se exterioriza na coesão caracterológica da conduta. Divisaram então filósofos e cientistas que a ciência construída durante muitos séculos tendo como objeto o homem, ignorara o homem. As descrições minuciosas, as técnicas e os artifícios da experimentação nada diziam sobre o que as consciências, torturadas pelos problemas espirituais de valor, aguardavam como a palavra guiadora.

Stern, o filósofo do Personalismo, resume esta situação em sua "Personalistik als Wissenschaft": "Tocamos aqui em uma das maiores singularidades da história das ciências. Quando, ha três séculos, pensadores e investigadores modernos começaram a ocupar-se cientificamente com o homem, este foi repartido dentro em pouco em uma multiplicidade de ciências; e, com isto, apareceu um tão profundo dilaceramento da unidade da pessoa humana que ainda hoje poucos divisam a notável mutilação a que foi submetida a verdadeira essência do homem."

Ha mais tempo, a intuição reveladora de Pascal divisára essa deficiência das ciências na elucidação do problema antropológico: "Quando iniciei o estudo do homem, percebi que essas ciências abstratas não se lhe ajustavam e que me desviava mais percorrendo-as do que os outros ignorando-as."

E em versos da mais pura poesia filosófica, Goethe põe em relêvo a incapacidade dessas mesmas ciências em apreender a unidade espiritual do ser humano, o que o faz mais do que um simples agregado de órgãos:

Wer will was lebendigs erkennen und beschreiben,
Sucht erst den Geist herauszutreiben,
Dann hat er die Teile in seiner Hand,
Fehlt leider! nur das geistige Band.

Como a crise gnoseológica só impropriamente poderá ser denominada uma crise da ciência porque visou apenas a sua concepção positivista, assim a crise do homem, que sucedeu à vivência de falta de unidade e coerência individuais, só é uma crise na medida em que atinge a imagem naturalista do homem autônomo, idealizado pelo Renascimento.

A análise da crise ensina-nos, portanto, que o homem não é apenas um fragmento da natureza e que as ciências que o estudam (a biologia, a psicologia, a etnologia, a medicina, a sociologia, etc.) não o apreendem em sua integridade porque seus objetos fragmentários só atingem a uma significação definitiva quando incorporados à totalidade bio-psico-espiritual da Pessoa humana. A tentativa atual de solução da crise, faz-se em dois planos: restabelecer a concepção de um humanismo integral em que

se considere como característico da essência do homem a participação ao mundo da biologia como ao mundo do espírito; a criação de uma ciência fundamental que se propõe o estudo da essência do homem, do sentido de sua existência e da sua situação no mundo, entre os outros seres.

A exigência de uma ciência fundamental do ser humano transparece em todos os problemas das ciências da natureza e da cultura destinadas ao estudo do homem. Como exemplos concretos, para documentar a necessidade de elaboração desta ciência fundamental, escolhemos os problemas dos ideais pedagógicos e da psicologia médica.

Ideais pedagógicos

Um dos maiores filósofos alemães do século passado — Guilherme Dilthey — escrevia em 1888, em um ensaio "Sobre a possibilidade de uma ciência pedagógica universal", criticando os planos educacionais do século anterior: "...pois os creadores de tais planos (pedagógicos) não percebem, em geral, a ironia da história, a comédia que ela representa com eles: enquanto se lhes afigura que seus pensamentos pairam acima do espaço e do tempo, na região dos valores universais, eles estão a expressar forçosamente a vida e o conhecimento de um círculo histórico limitado."

Esse relativismo pedagógico colheira-o Dilthey em suas viagens pela história. Tal é, realmente, o curso histórico das teorias que visam a educação do homem. A cada geração corresponde um ideal pedagógico novo. Variam as épocas, variam os ideais. Variam no sentido da oposição; combatem-se como se fôra lei universal a transmutação perene da imagem ideal do homem. Todos os sistemas pedagógicos aspiram, entretanto, a um movimento perene em direção a um só ideal. Realiza-se assim o progresso em pedagogia, que não provem do material de observação acumulado, mas da depuração dos princípios que conduzem à concretização do ideal. O relativismo pedagógico adotado por Dilthey não decorre, portanto, da natureza da educação. Devemos considerá-lo como uma deficiência da sistemática pedagógica e inquirir onde se encontra a falta.

O problema central da pedagogia — a formação do homem — implica em que tenhamos do ser humano uma imagem ideal da qual devemos aproximar todos os homens. A variação dessa imagem condiciona necessariamente a variação dos ideais pedagógicos. E vemos, de fato, os ideais pedagógicos variarem com as tendências que lutam pela posse da verdadeira imagem do homem na consciência ocidental. No naturalismo o homem é um ser biológico; no socialismo, um ser social; no politismo, um cidadão; no intelectualismo, um instrumento pensante; no voluntarismo, um ser agente; no monismo, uma ocorrência na evolução cósmica; no individualismo, a medida de todas as cousas. Em cada uma dessas tendências filosóficas encontramos uma orientação pedagógica inconciliável com as outras, embora seja sempre o homem o motivo central. "A interrogação: — que é o homem, qual o seu destino deve ser respondida, diz *de Howre*, o grande pedagogo cristão, antes de se tratar de educação do homem."

Qual das ciências particulares — a biologia, a psicologia ou a sociologia — pode responder a essa interrogação primordial: que é o homem e qual o seu destino, afim de oferecer um fundamento estável à pedagogia? Ciências dos fenômenos biológicos, sociais ou psíquicos, elas trabalham com fatos cujo grau de abstração torna-as logicamente insuficientes para tratar os fatos filosóficos implicados no objeto que é a essência e o destino do homem. De outro lado, não podemos renunciar a essa fundamentação sem que renunciemos ao combate contra o relativismo pedagógico, de seus ideais e de seus sistemas.

Vemos assim que do campo da pedagogia brota a exigência de uma ciência fundamental que tenha como objeto o homem em suas notas essenciais, o sentido da sua existência e a sua posição no Cosmos. O problema de uma pedagogia universal repousa sobre a solução que essa ciência der ao problema do homem. E' o que acentua Petersen em sua pedagogia: "dever-se-ia renovar o estudo da alma e da ação humanas para determinar sua teleologia. Se isto se conseguir, será possível uma pedagogia de valor universal."

Essa ciência fundamental mostrará que a diversidade dos ideais que se substituem regularmente como as folhas de um calendário, tem a sua origem no humanismo renascentista que, pela dissolução do homem na natureza, apagou de sua imagem a ação unificadora do espírito. Foi possível então tentar o estudo do homem à maneira do que se fizera com os objetos naturais: dissociando-o em fragmentos, na esperança de que a sua essência se fragmentasse também pelas diversas ciências particulares. A multiplicidade de ideais pedagógicos reflete a multiplicidade de aspectos que essas ciências iam descobrindo no homem e tentando fazê-los substitutos da verdadeira essência do homem, que escapava à investigação dessas ciências particulares.

Ao relativismo pedagógico oporemos uma representação do homem que essa ciência fundamental deverá aprofundar indefinidamente, sem alterar entretanto as estruturas essenciais que a caracterizam. Veremos então em que medida essa imagem eterna e integral do homem será fundamento de uma pedagogia de valor universal.

Psicologia médica

Segundo Kretschmer, a psicologia médica visaria duas finalidades: 1.º — Satisfazer as necessidades práticas da profissão médica; 2.º — reunir de uma maneira orgânica a cultura médica e naturalista ao domínio das ciências morais. Nenhuma das outras psicologias médicas, tal as de Kronfeld, Wyss e Schilder propõe o problema das relações entre a medicina e as ciências da cultura tão nitidamente como Kretschmer. Em verdade a medicina, como ciência aplicada, encontra em seu exercício, valores de toda ordem, éticos, estéticos, sociais, teóricos, religiosos etc. Não poderíamos desprezar o estudo desses valores ao encarmos a atividade médica, a conduta do médico em relação ao doente ou a atitude do doente em face da doença e do mundo. Certamente as menores ações médicas, como uma simples prescrição terapêutica, dependem muitas vezes de sua concepção do homem e da vida, de sua crença religiosa.

Por outro lado, a ação do médico vai atingir imediatamente muitas outras ações, influenciando valores sociais, éticos etc. Todo o domínio da deontologia médica onde entrem em debate as relações de valor da comunidade médica, está a mostrar que a medicina não se pode circunscrever nos limites de uma ciência natural porque é sempre o homem, em sua totalidade, o objeto sobre o qual ela deve agir. A tentativa de criar uma disciplina científica visando romper o isolamento em que a medicina se colocara como ciência natural, justifica-se, portanto, pelas exigências da prática médica. Mas, deverá ser essa ciência uma psicologia, consoante a iniciativa de Kretschmer? Poderá a psicologia permanecer uma ciência natural da atividade psíquica tendo como objeto os fenômenos psíquicos e tratar noções de valor, da esfera estimativa, e servir de fundamento a considerações morais como as que se elevam da prática médica? Certamente, não.

As ciências fundamentais dividem-se em ciências da natureza e do espírito ou da natureza e da cultura, segundo exatamente o critério axiológico: ao domínio dos valores é vedada a incursão das ciências da natureza. Assim, a psicologia como ciência natural da atividade psíquica não pôde tratar relações de valor. A atitude de Kretschmer colocando a psicologia como ciência fundamental das relações de valor incluídas na prática médica denota uma repercussão atual do psicologismo — orientação filosófica que, tratando sob um conceito naturalista as ciências da cultura, colocava-as em dependência direta da psicologia.

Se reconhecemos a insuficiência da psicologia para resolver os problemas que a atividade médica propõe e si reconhecemos a realidade desses problemas, qual a ciência que devemos utilizar? Como na pedagogia, é o homem em sua unidade bio-psico-espiritual que se de um lado participa das espécies animais pelo seu organismo, de outro se opõe radicalmente às espécies animais em seu trabalho espiritual de realizador da cultura, o que a medicina estuda em suas variações patológicas. Como ciência elucidadora das relações de valor que a prática médica propõe devemos procurar uma disciplina que estude o homem não em um ou outro aspecto parcial como o fazem a biologia, a psicologia, e a sociologia mas em sua unidade, em sua essência e segundo sentido de sua situação no mundo.

Da esfera da medicina surge a mesma exigência de uma ciência fundamental do homem, que o apreenda em sua totalidade, na situação excepcional entre os dois mundos, o da natureza e o do espírito.

Em ambos os exemplos ficou demarcada a necessidade de fundamentação sobre uma ciência básica, destinada ao estudo do homem.

A iniciativa desse movimento coube a Alemanha que, nos trabalhos de seus filósofos Max Scheler, Heinemann, Stern, Allers e cientistas como Schuartz, Binswanger entre outros, defendem a concepção dessa ciência fundamental sob a denominação de Antropologia Filosófica.

A Antropologia Filosófica é a ciência que estuda a essência do homem, o sentido de sua existência e a sua posição no Cósmos. Em sua elaboração cooperam biólogos, psicólogos, médicos e sociólogos sob o mesmo ideal de reconstrução de uma imagem integral do homem.

"O problema de uma antropologia filosófica diz Scheler, encontra-se hoje no centro de todas as problemáticas filosóficas, na Alemanha e para além dos círculos filosóficos biólogos, médicos, psicólogos e sociólogos trabalham em uma nova imagem da estrutura essencial do homem".

Renovando o sentido integral do vocabulo **antropologia** — mutilado durante o século XIX em que passou a expressar as variações físicas das raças humanas, mas que se conservará nas obras de filosofia tomista e nas de Kant — os filósofos alemães procuram crear uma ciência filosófica que se coloque em grão de abstração mais elevado do que o das outras ciências. Os fatos sobre os quais assenta a sua elaboração são fatos filosóficos em que se conjugam os resultados das ciências particulares e a atividade da razão sobre os seus princípios eternos. Não se propõe a antropologia filosófica o estudo de um ou outro aspecto do ser humano, mas a criação de uma ontologia do homem. Assemelha-se o empreendimento ao daqueles navegadores renascentistas que partiam para o ignoto e misterioso a corrigir os mapas em que se assentara falsamente o conhecimento da terra. Das excursões da antropologia filosófica no terreno ontológico resultarão correções e delimitações na hierarquia das ciências, valorisação dos resultados a que chegaram as ciências particulares tal como o desejára Bacon em sua concepção do *Globus Intellectualis*. A natureza e o espírito, as esferas de ser e de valor harmonisam-se nessa imagem que a antropologia filosófica estuda. Ao contrário das ciências particulares, o progresso da antropologia filosófica não se faz pela colheita sempre maior de fatos particulares mas por um aprofundamento sempre mais íntimo do mesmo objeto: a estrutura essencial do homem e o sentido de sua existência. O que lhe importa é a aproximação à realidade; a introversão nas existências em que se actualisa o ser. O mistério dessa substância composta em que a matéria se transforma pela animação milagrosa do espírito, não poderia ser afastada da cogitação sábia dos homens sem que fosse esquecido o que ha de mais humano no ser humano.

Senhores

O movimento criador da antropologia filosófica demonstra que nem o espírito, nem a cultura, nem o homem exgotaram as suas virtualidades; que, si, em determinadas épocas o espírito humano perde-se entre caminhos sem horizontes, é capaz, entretanto de encontrar em si mesmo energias para novas atitudes em que se aproxima à Verdade. Que todos os cientistas que desejam combater as incertezas do momento atual colaborem na obra de reconstrução do homem defendida pelos filósofos alemães iniciadores da antropologia filosófica, que se confunde com os ensinamentos, antigos de sete séculos, professados pelo gênio filosófico de Tomás de Aquino.